

Macroeconomia

Balanço inicial do PAC

Rogério Mori*

A DISCUSSÃO em torno do crescimento econômico brasileiro e dos elementos essenciais à sua aceleração permanece como um dos pontos centrais no debate atual. Do ponto de vista do governo, o tema foi consubstanciado no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), no qual foi identificado (corretamente) que um dos eixos centrais de restrição ao crescimento econômico de forma mais acelerada no País reside na infra-estrutura. O diagnóstico estabelecido sugere que a ampliação dos investimentos nessa área evitará gargalos que limitarão a velocidade de expansão da economia nacional.

De fato, é reconhecido que há décadas os níveis de investimento produtivo declinaram consideravelmente, particularmente no setor, e mostram-se incompatíveis com um ritmo de crescimento mais acelerado. Essa dinâmica coincide cronologicamente, em grande medida, com os desajustes na economia brasileira verificados a partir do início da década de 1980. Mesmo com a estabilização da inflação em patamar baixo na década passada e com o processo de privatizações e concessões de serviços públicos, o ritmo dos investimentos em infra-estrutura mostrou-se insuficiente (a experiência do “apagão” de energia elétrica ainda é vívida na memória dos brasileiros). A incapacidade do setor público em levar adiante investimentos a partir dos anos 1970 tem íntima associação com essa dinâmica. A estratégia de ajuste fiscal adotada a partir de 1998, baseada no aumento da carga tributária e na compressão de investi-

mentos do governo, apenas amplificou o processo.

O PAC é uma tentativa de resposta a essa dificuldade, tentando inverter a perspectiva imposta ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, o esforço do governo no começo do ano foi o de organizar, no contexto de um programa, um conjunto de ações a ser implementado com vistas a criar um ambiente adequado à aceleração do crescimento econômico.

Cenário macroeconômico

	2007	2008	2009	2010
Taxa Selic nominal (%)	12,1	10,7	10,0	9,5
Crescimento do PIB (%)	4,5	5,0	5,0	5,0
Resultado primário (% do PIB)	3,80	3,80	3,80	3,80
PPI (% do PIB)	0,45	0,45	0,45	0,45
Relação dívida pública líquida/PIB	43,9	41,4	38,8	36,0

Fonte: Ministério da Fazenda

Mesmo assim, o balanço dos quatro primeiros meses do PAC mostrou uma relativa frustração em relação ao andamento do programa, com a possibilidade de alguns atrasos em obras essenciais no contexto das prioridades do crescimento.

À primeira vista, pode indicar que é um problema pequeno no contexto de um programa de investimentos mais amplo, que leva em consideração diferentes dimensões de investimentos em vários setores essenciais à manutenção do crescimento econômico. No entanto, deve ficar claro que um dos aspectos mais importantes do PAC considera sua consistência no plano macroeconômico no âmbito da aceleração do ritmo de crescimento econômico do País.

De fato, as projeções apresentadas pelo ministro da Fazenda (vide quadro) apontam um crescimento de 4,5% em 2007 e de 5% no período 2008-2010. Caso isso se verifique de fato, representará uma mudança significativa de patamar no crescimento econômico. O cenário também contempla uma trajetória declinante da taxa de juros básica da economia (Selic) ao longo do tempo que, em tese, trará a relação dívida pública/PIB para o patamar de 36% em 2010.

Em outras palavras, do ponto de vista econômico, é fundamental que o andamento do programa tenha um passo mais adequado no contexto estabelecido. Atrasos sistemáticos nos projetos de investimentos em infra-estrutura podem levar à formação de gargalos na economia que, eventualmente, podem se traduzir em pressões inflacionárias ou na geração de desequilíbrios econômicos setoriais que comprometam o bom ritmo do cresci-

mento econômico. Caso isso aconteça, o Banco Central poderá ver-se forçado a praticar uma política monetária mais conservadora, afetando o potencial ciclo virtuoso do ponto de vista macroeconômico no escopo do programa. Isso significará que a trajetória da relação dívida pública/PIB poderá não seguir o ritmo proposto no programa, indicando um quadro não tão positivo. Assim, o risco de um fracasso do PAC coloca em xeque novamente a dimensão do esforço do governo em proporcionar as condições adequadas para um crescimento econômico mais acelerado nos próximos anos. ■

* Professor e Coordenador do Centro de Macroeconomia Aplicada (Cemap) da FGV-EESP

Defensivos

2007, o ano da virada?

Evaristo M. Neves*
Guilherme Signorini**

OS ANOS de 2005 e 2006, nos setores de grãos, cereais e fibras foram considerados anos desastrosos para os produtores, em decorrência:

- Grau elevado de endividamento;
- Valorização do real (R\$) provocou um descasamento cambial no momento de compra dos insumos e venda dos produtos;
- Logística ineficiente;
- Altos custos dos fretes;
- Preços internacionais declinantes;
- Maiores produção e oferta em outros países produtores.

As frustrações pós-2004 induziram reduções nas áreas plantadas de soja, algodão, trigo e arroz, bem como retração na demanda por insumos. Com isso, os defensivos agrícolas sofreram reduções nas vendas e nos preços.

De forma semelhante a em 2005, em 2006 as vendas de defensivos agrícolas no mercado interno apresentaram queda em relação a 2004, o ano de melhor faturamento para a indústria de defensivos agrícolas nesta década.

Na análise do quinquênio de 2002 a 2006, o ano 2006 superou em faturamento os anos de 2002 e 2003, mas foi inferior aos de 2004 e 2005. As quedas relativas foram sentidas, em escala decrescente, nos fungicidas, herbicidas, acaricidas e em outros como antibrotantes, reguladores de crescimento, óleo mineral e espalhante adesivo.

Em 2006, a classe de defensivos com menores quedas foi a de inseticidas no comparativo a 2005, mas com variação positiva em relação a 2004. A queda mais sentida com fungicidas deveu-se ao menor uso no combate à ferrugem da soja e na retração

Evolução dos preços dos principais defensivos no Brasil

Classe de defensivo	Variação
	Janeiro 07/Janeiro 06
Herbicidas	-10,98%
Fungicidas	-8,98%
Inseticidas	-12,60%

Fonte: Conab/Ministério da Agricultura

Dispêndio de defensivo pela área total plantada (US\$/ha)

Cultura	2004	2005	2006
Soja	94,89	81,66	68,56
Algodão	373,24	347,85	451,45
Milho	25,31	26,88	23,39
Cana-de-açúcar	44,60	62,55	79,82
Trigo	55,50	45,97	48,48
Laranja	160,80	201,67	208,22
Café	52,95	81,29	82,30
Arroz	25,89	21,41	24,35

Fonte: IBGE/Sindag

na área plantada com esta oleaginosa em 2006 na comparação 2005 a 2004.

Segundo a Secretaria da Agricultura, no Mato Grosso, no controle da ferrugem foram feitas, em média, 2,5 aplicações na safra 2006/07, enquanto na anterior foram realizadas 3,5 aplicações. Acrescente-se ainda o fato de que os defensivos agrícolas no Brasil, na média, caíram de preços no comparativo janeiro 2007/janeiro 2006.

Quando se toma a participação das oito principais culturas em termos de dispêndios com defensivos agrícolas, verifica-se uma queda em 2005 e 2006. Essa baixa foi puxada principalmente pela soja e, em

menor proporção, pelo algodão, trigo e arroz. O crescimento das vendas de cana, laranja e café não foram suficientes para mudar o resultado.

Em termos percentuais, a cultura da soja, que chegou a representar quase a metade dos gastos totais com defensivos agrícolas no País em 2004, teve queda em 2005 e 2006, e praticamente igualou o nível verificado em 2002. Por sua vez, a cana-de-açúcar ganhou espaço, com aumento em 2004, 2005 e 2006, desbancando o algodão, que ocupava o segundo lugar. No conjunto, as três culturas absorveram 61,3% do gasto total com defensivos em 2006. Em quarto lugar aparece o milho, seguido pelo café e pela laranja. As seis culturas representaram 77,9% do total de compras de defensivos pelos produtores brasileiros em 2006.

Área plantada e gastos

As causas apontadas anteriormente refletiram negativamente no fluxo de caixa dos produtores e induziram quedas nas áreas plantadas com soja, arroz, trigo e algodão na safra 2006/07 em relação à anterior. Nesse período houve acréscimos experimentados pelo milho e cana-de-açúcar, principalmente. Segundo o FIBGE, nessas oito culturas maiores consumidoras de defensivos agrícolas no Brasil, a queda em 2006 em relação a 2005 foi de 1,635 milhões de hectares.

A queda na área plantada em parte das principais culturas induziu também um uso menor de tecnologia, com menos aplicações e menor utilização da quantidade de insumos. Por sua vez, culturas com preços atrativos, principalmente as voltadas para o mercado internacional, levaram os produtores a um gasto maior com aplicações dos insumos básicos na busca de elevar a produção.

No caso particular dos defensivos, os seus dispêndios por unidade de área podem ser avaliados pela relação entre gastos totais com defensivos e a área total plantada com as oito culturas.

Apesar desses valores relativos serem vistos com certa cautela, pois foram obtidos de fontes diferentes – Sindag para os dispêndios totais com defensivos e

Brasil: dispêndios com defensivos agrícolas (US\$ milhão)

Classe de defensivo	2002	2003	2004	2005	2006
Herbicidas	987,6	1.523,7	1.830,7	1.735,8	1.674,3
Fungicidas	360,4	713,5	1.388,2	1.089,5	917,4
Inseticidas	467,8	725,2	1.066,6	1.180,7	1.129,0
Acaricidas	72,1	80,0	78,0	82,7	70,4
Outros*	63,9	93,8	131,5	154,9	128,7
Total	1.951,8	3.136,3	4.494,9	4.243,7	3.919,8

Fonte: Sindag. * Antibrotantes, reguladores de crescimento, óleo mineral e espalhante adesivo.

Brasil: dispêndios com defensivos agrícolas pelas principais culturas (US\$ milhão)

Culturas	2002	2003	2004	2005	2006
Soja	742,9	1.387,0	2.221,7	1.872,6	1505,5
Algodão	177,3	324,6	471,4	436,2	405,4
Milho	152,6	265,0	308,4	310,4	295,0
Cana-de-açúcar	224,6	250,9	292,9	362,2	493,7
Trigo	68,0	106,8	156,0	108,4	74,7
Laranja	115,8	133,1	144,4	162,3	167,2
Café	47,3	88,5	134,5	188,6	191,6
Arroz	47,8	84,9	103,7	83,9	72,3
Outros	375,5	495,5	661,9	719,2	714,4
Total	1.951,8	3.136,3	4.494,9	4.243,7	3.919,8

Fonte: Sindag

Brasil: dispêndios com defensivos agrícolas pelas principais culturas (%)

Cultura	2002	2003	2004	2005	2006
Soja	38,1	44,2	49,4	44,1	38,4
Algodão	9,1	10,3	10,5	10,2	10,3
Milho	7,8	8,5	6,9	7,3	7,5
Cana-de-açúcar	11,5	8,0	6,5	8,5	12,6
Trigo	3,5	3,4	3,5	2,5	1,9
Laranja	5,9	4,2	3,2	3,8	4,2
Café	2,4	2,8	3,0	4,4	4,9
Arroz	2,5	2,7	2,3	1,9	1,8
Outros	19,2	15,9	14,7	17,3	18,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Sindag

Fibge para a área plantada –, eles expressam atitudes tomadas pelos produtores como respostas aos preços vigentes.

Por exemplo, os gastos relativos à soja caíram de 2004 a 2006. É um indício da reação do sojicultor diante da queda dos preços internacionais, do endividamen-

to doméstico, das condições climáticas adversas em algumas regiões produtoras do menor número de aplicações no combate à ferrugem da soja. Por sua vez, com preços mais atrativos no mercado internacional, os produtores de cana-de-açúcar, café e laranja foram estimulados

a usar melhor tecnologia no controle de pragas e moléstias. O fato de o algodão apresentar um gasto maior por hectare deveu-se à queda substantiva na área plantada e à reação dos preços com uso de melhor tecnologia e cuidados culturais mais adequados.

Tendências para 2007

Para o Sindag, a perspectiva de vendas domésticas de defensivos para este ano é de crescimento ao redor de 10% em função da maior demanda, do crescimento de área plantada e da elevação de preços de alguns defensivos, recuperando os valores mais baixos praticados em 2006 em função das dificuldades dos produtores (endividamento e preços menores de algumas *commodities*).

A recuperação poderia ser melhor, mas a inadimplência dos sojicultores ainda é elevada, com uma participação relativa na dívida dos produtores brasileiros que beira os US\$ 2 bilhões.

No setor de defensivos, a esperada demanda crescente deverá vir como resposta ao crescimento na área plantada com algumas culturas, principalmente com cana-de-açúcar.

Em 2007, deve haver ainda um crescimento no faturamento de defensivos genéricos, com a entrada de quatro das maiores empresas chinesas no mercado nacional. Com pedidos de registros de produtos no governo brasileiro, as companhias poderão fazer parcerias com empresas nacionais para distribuição e agilização das vendas.

Entre 2000 e 2006, segundo o Sindag, o número de produtos formulados importados da China passou de 68 em 2000 para 117 em 2006, enquanto o total de princípios ativos formulados nas fabricas brasileiras passou de 235 para 242.

Para a Associação Nacional de Defensivos Vegetais (Andef), o ano de 2007 deve compensar os anos adversos de 2005 e 2006, com leve recuperação. Expectativas mais otimistas são depositadas em 2008, para voltar ao bom ano de 2004. ■

* Prof. Titular Esalq/USP

** Engenheiro Agrônomo, Esalq/USP

Milho

A febre do etanol

Na primeira estimativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos sobre a próxima safra de milho todas as expectativas que se faziam no mercado foram confirmadas. A colheita deverá ser recorde. O consumo de cereal para fabricação de etanol está projetada em 86,6 milhões e pela primeira vez supera o volume destinado à exportação. As cotações do *bushell* devem situar-se entre US\$ 3,60 a US\$ 4,00.

Nessa perspectiva, os próximos artigos apresentam os impactos para o Brasil.

Milho I

Como ficam as exportações?

Alfredo Tsunechiro*
Luis Henrique Perez**

DE PRODUTO de mercado interno, sem vinculação com o mercado global, cultivado com sistemas de produção tradicionais, o milho transformou-se em produto de mercado externo.

Estados Unidos: balanço de oferta e demanda de milho (milhões de t)

Item	Safra 2006/07	Safra 2007/08
Estoques iniciais	49,97	23,80
Produção	267,60	316,50
Importações	0,25	0,38
Uso total	238,14	266,46
Exportações	55,88	50,17
Estoques finais	23,80	24,06

Fonte: USDA

Graças à conjunção de alguns fatores favoráveis, o cereal nacional tem marcado presença constante na lista de mercadorias embarcadas rumo aos destinos mais diversificados.

O aumento da área de milho nos próximos anos nos EUA para abastecer as destilarias de álcool deve resultar em sua menor

disponibilidade para outros destinos, como a exportação e a indústria de rações.

Isso abre espaço para o Brasil, Argentina e outros países concorrentes no mercado de exportação de milho e estimula a produção de soja.

Desde o início do *boom* do etanol de milho nos EUA, os preços do cereal subiram acentuadamente, passando dos tradicionais dois dólares para quatro dólares o *bushell*.

A produção de milho nos EUA, após cair nos últimos três anos, deverá crescer nos próximos anos. O levantamento de intenção de plantio na safra 2007/08, divulgado em 30 de março de 2007 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA)³, de 36,6 milhões de hectares, indicou crescimento de 15% e 11%, respectivamente, em relação à safra 2006/07 e 2005/06. Se confirmada essa previsão, será a maior área plantada desde 1944, quando atingiu 38,6 milhões de hectares

O crescimento da economia chinesa tem provocado desequilíbrios entre a

Produção de milho, principais países (milhão de t)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2007 Part. %
Estados Unidos	251,9	241,4	227,8	256,3	299,9	282,3	267,6	38,5
China	106,0	114,1	121,3	115,8	130,3	139,4	143,0	20,6
Argentina	15,4	14,7	15,5	15,0	20,5	15,8	22,0	3,2
Brasil	41,5	35,5	44,5	42,0	35,0	41,7	49,5	7,1
Subtotal	414,8	405,7	409,1	429,1	485,7	479,2	482,1	69,3
Outros	175,2	193,4	193,9	196,6	226,5	216,2	213,7	30,7
Total mundial	590,0	599,0	603,0	625,7	712,2	695,4	695,8	100,0

Fonte: USDA

Consumo de milho, principais países (milhão de t)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2007 Part. %
Estados Unidos	198,1	200,9	200,7	211,6	224,6	231,7	238,4	32,7
China	120,2	123,1	125,9	128,4	131,0	137,0	141,0	19,4
Argentina	5,6	4,2	4,1	4,4	5,2	6,2	7,0	1,0
Brasil	34,5	35,0	35,8	36,3	38,5	39,5	41,0	5,6
Subtotal	358,4	363,2	366,5	380,7	399,3	414,4	427,4	58,7
Outros	251,3	259,4	260,9	267,0	285,7	287,2	300,9	41,3
Total mundial	609,8	622,7	627,4	647,7	685,1	701,6	728,2	100,0

Fonte: USDA

Exportação de milho, principais países (milhão de t)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2007 Part. %
Estados Unidos	48,3	47,3	40,9	48,8	45,3	56,2	57,2	65,1
China	7,3	8,6	15,2	7,6	7,6	3,7	3,5	4,0
Argentina	12,2	8,6	12,3	10,4	14,6	10,0	14,5	16,5
Brasil	3,7	3,9	3,2	5,8	1,4	4,5	6,5	7,4
Subtotal	71,6	68,3	71,7	72,6	68,9	74,4	81,7	93,0
Outros	4,8	6,2	6,8	6,6	7,6	8,6	6,2	7,0
Total mundial	76,4	74,5	78,5	79,2	76,6	83,1	87,8	100,0

Fonte: USDA

Brasil: exportações de milho em grão, países de destino (1.000 t)

País	2001	2002	2003	2004	2005	2006	Total	2007 Part. %
Irã	658	342	435	1.305	700	1.770	5.210	23,8
Coreia do Sul	1.238	750	737	1.450	164	799	5.138	23,4
Espanha	884	292	920	461	66	774	3.397	15,5
Japão	583	382	245	17	24	0	1.252	5,7
Coreia do Norte	554	52	8	138	0	111	862	3,9
Portugal	115	31	120	166	33	91	555	2,5
Holanda	19	0	58	265	0	91	433	2,0
Itália	6	0	81	332	0	9	428	2,0
Polônia	130	0	0	272	0	0	402	1,8
Israel	165	0	160	0	0	76	401	1,8
Marrocos	42	150	146	31	0	0	369	1,7
Chile	89	105	40	13	0	10	256	1,2
Subtotal	4.481	2.104	2.949	4.450	987	3.731	18.702	85,3
Outros	1.143	635	612	568	70	193	3.222	14,7
Total	5.624	2.739	3.561	5.019	1.057	3.924	21.924	100,0

Fonte: SECEX

Brasil: exportações de milho e derivados, principais produtos

Mercadoria	1997	2000	2004	2006
Semente	8,9	5,6	12,4	13,4
Grão	0,3	0,0	5,0	3,9
Farinha	0,6	2,8	1,8	51,5
Amido	9,2	7,2	12,6	27,9
Óleo bruto	3,6	1,5	36,4	35,2

Fonte: SECEX

produção e o consumo interno de milho. Menos cereal tem sido destinado à exportação. De acordo com o USDA, em 2006, o Brasil superou a China na quantidade de milho exportado. Mantida a tendência de crescimento do consumo da China e dos EUA, o Brasil pode consolidar-se como o terceiro país maior exportador de milho, atrás somente da Argentina e dos EUA.

As exportações brasileiras de milho em grão na atual década passaram a ter significância a partir de 2001, quando se exportou o volume recorde de 5,6 milhões de toneladas. Desde então, os embarques do cereal para o exterior têm sido oscilantes, de acordo com a disponibilidade e os preços do produto no mercado interno e a taxa de câmbio.

Entre os países que importaram milho do Brasil destacam-se, pela regularidade e pela magnitude dos embarques, o Irã, Coreia do Sul e Espanha e Portugal. Diferentemente da Argentina, que detém largo *trade share*, o Brasil ainda não consolidou parceria comercial com importantes países importadores do cereal.

Enquanto as exportações do milho se expandiram a partir de 2001, outros derivados do cereal são embarcados para o exterior há mais tempo.

Entre os impactos globais da 'febre do etanol' nos EUA, aliados ao crescimento da economia chinesa, citam-se as alterações do mercado de milho, com o Brasil passando a ocupar, a partir de 2007, a terceira posição no *ranking* dos países exportadores do cereal, trocando de posição com a China. Resta saber até que ponto as condições internas de infraestrutura de transporte e a competição das culturas de soja e cana-de-açúcar, estimuladas pela demanda mundial de biocombustíveis, serão barreiras ao crescimento da produção de milho no Brasil. ■

Trabalho original: Avanço do Etanol nos Estados Unidos Torna o Brasil o Terceiro Maior Exportador Mundial de Milho, www.iea.sp.gov.br
* alfts@iea.sp.gov.br

** lhpez@iea.sp.gov.br

Pesquisadores do Instituto de Economia Agrícola, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo

Milho II

Qual o impacto para as aves e suínos?

Jonas Irineu dos Santos Filho
Dirceu João Duarte Talamini
Teresinha Marisa Bertol

A PRODUÇÃO de agroenergia, seja pela utilização do álcool como pela utilização do biodiesel, ganha cada vez mais destaque no cenário internacional. Um dos reflexos tem sido o crescimento da produção de álcool a partir de milho nos Estados Unidos que, saindo de uma posição irrisória, já é o maior produtor mundial de álcool. O efeito dessa mudança afeta a dinâmica dos preços e da produção agrícola no mundo.

No Brasil, a avicultura e a suinocultura são atividades importantes para a economia e indispensáveis na dieta alimentar de grande parte da população. O País é o terceiro maior produtor e o primeiro exportador de frangos e o quarto maior produtor e exportador de suínos.

Tanto os suínos como as aves têm a sua alimentação baseada no consumo de milho e farelo de soja. A estes ingredientes são agregados minerais e vitamínicos para compor as dietas para cada fase de

vida dos animais. Em face da disponibilidade dos dois produtos a possibilidades de serem substituídos na composição das rações é muito baixa. No milho, as duas criações foram responsáveis por 75% do seu consumo em 2006.

Na soja, os maiores exportadores mundiais são Brasil, Estados Unidos e Argentina, enquanto os maiores importadores são China, União Européia, Japão, México, Taiwan e Tailândia.

No milho, dentre os maiores produtores mundiais, somente os Estados Unidos apresentam excedentes exportáveis significativos. A Argentina apresenta pequenos saldos exportáveis, enquanto o Brasil é um importador e exportador de pequena escala e a China caminha a passos largos para ser um grande importador.

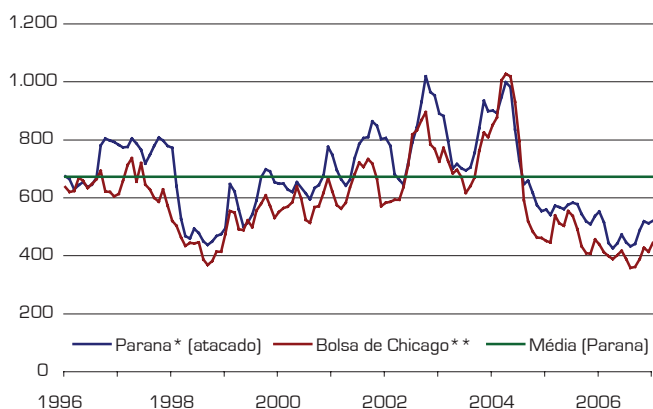
Enquanto os preços do farelo de soja no Paraná e na Bolsa de Chicago estão bem atrelados, no milho o comportamento varia. Nos anos de déficit na

oferta interna e de baixos estoques, o preço doméstico corresponde ao preço dos Estados Unidos acrescido do custo de internalização do produto. O contrário ocorre em períodos de superávit na oferta e de elevação dos estoques.

No Brasil os produtos substitutos do milho na produção de rações de aves e suínos são trigo, triticale e trigo germinado. São produtos de baixa disponibilidade e com dificuldade para serem usados em grande escala nas rações animais.

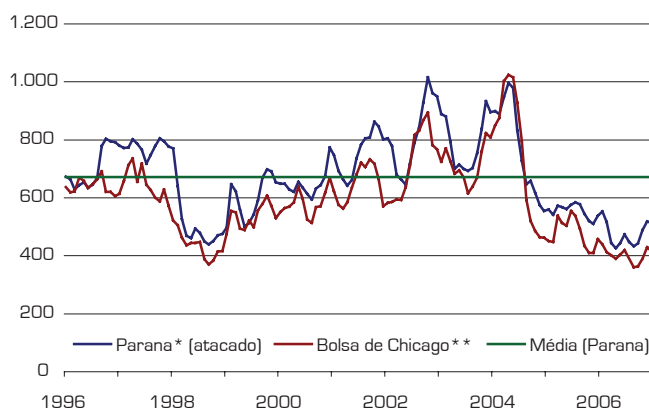
Para o mercado do milho as estimativas do USDA sinalizam um preço ao produtor americano acima de U\$ 3,5 por *bushel* ou seja, cerca de U\$ 7,0 por saca de 60 quilos. Ao longo dos últimos 10 anos o preço histórico americano foi de U\$ 5,5 por saca. Isso representa um aumento da ordem de 33%. O aumento decorre da demanda do produto para a fabricação de etanol, com impacto direto no custo de produção de suínos e aves.

Preço do farelo de soja em Chicago e no Brasil (jan 2007=100) – R\$/tonelada



Fonte: * Ipea; ** FGV

Preço do milho em Chicago e no Brasil (jan 2007=100) – R\$/tonelada



Fonte: * Ipea; ** FGV/USDA

Mundo: produção de milho e soja na safra 2006/07 (milhões de toneladas)

Item	Milho	Soja
Estados Unidos	267,5	87
Brasil	48,0	57
Argentina	21,0	44
China	143,0	16
UE	43,9	-
Outros	169,0	25,4
Total	692,4	229,4

Fonte: USDA

Para fazer uma projeção da produção de aves e suínos e do consumo de milho e farelo de soja foram estabelecidos os seguintes pressupostos:

- Taxa de crescimento da produção nos últimos sete anos: 5,40% para os suínos e 7,22%, para os frangos;
- 1,74 kg de milho e de 0,63 kg de farelo de soja para cada quilo de carne de frango produzido;
- 3,35 kg de milho e de 1,20 kg de farelo para cada quilo de carne suína produzida.

O consumo de milho e farelo de soja na produção de suínos e aves foram obtidos do relatório 2005/2006 da União Brasileira de Avicultura (UBA), que apresenta que o consumo total brasileiro de milho distribuído em: 39,6% frangos/matrizes; 22% suinocultura; 14,5% consumo humano e industrial; 8,9% outros usos; 5,5% aves de postura; 5,5% pecuária de leite e corte; 2% perdas e sementes e 1,9% perus.

Como do custo do frango inteiro congelado e disponibilizado no varejo cerca de 38% referem-se ao custo da ração, o aumento do preço do milho e do farelo de soja tem um impacto nos seus custos, preços e margens.

Em Santa Catarina, por exemplo, o preço da saca de milho passou de R\$ 14,00 para R\$ 19,00 entre nos primeiros meses de 2006 e 2007. Uma elevação de 36%. Como um quilo de carne de frango contém 1,74 kg de milho, para um preço de R\$ 2,35 por quilograma do frango inteiro congelado no atacado este aumento no preço acresce 6,17% no custo do frango.

Para a suinocultura, não se dispõe de custos desagregados dos cortes e produ-

Milho: comércio internacional (milhões de toneladas)

Exportadores		Importadores	
País	Quantidade	País	Quantidade
Estados Unidos	56,0	Japão	16,5
Argentina	13,5	República da Coreia	8,8
Brasil	5,0	México	8,0
China	4,0	Tunísia	6,5
Outros	5,97	Egito	4,8
Total	83,97	União Européia	4,5
		Síria	4,5
		Colômbia	3,3
		Outros	27,07
		Total	83,97

Fonte: USDA

Brasil: produção de suínos e aves e consumo de milho e farelo de soja (mil toneladas)

Ano	Produção*		Consumo**			
			Milho	Farelo de Soja		
	Suínos	Frango	Frango	Suínos	Frango	Suínos
2003	2560	7645	13404	8587	4843	3063
2004	2600	8408	14516	8721	5245	3111
2005	2800	9350	15890	9392	5742	3350
2006	2745	9280	16574	9207	5988	3284
2007 ¹	2875	9670	16838	9643	6084	3440
2008 ¹	3030	10368	18053	10164	6523	3625
2009 ¹	3194	11116	19356	10713	6994	3821
2010 ¹	3366	11918	20753	11291	7499	4027
2011 ¹	3548	12778	22251	11901	8040	4245
2012 ¹	3740	13701	23857	12544	8620	4474

Fonte: *USDA **UBA. 1 Previsão

tos industrializados no atacado e usou-se, para as estimativas, o valor da meia carcaça no atacado em São Paulo, com um preço de R\$ 2.845,00. Com base nesses valores estima-se um acréscimo de 9,84% no custo da carcaça suína.

A elasticidade-preço da demanda por carne suína e frango é baixa. Com o aumento dos custos de produção dessas criações a rentabilidade do produtor corre o risco de ficar mais apertada. A intensidade dessa redução vai depender de como os custos serão absorvidos pelos outros elos da cadeia produtiva, como indústrias e distribuidores. O impacto será pequeno no preço pago pelos consumidores e nas quantidades consumidas.

De outro lado, o aumento da rentabilidade do produtor de milho deverá estimular o aumento da área plantada e da produção

e, mantido o padrão de comportamento do comércio internacional, pode aumentar a competitividade da produção local. E, o aumento na demanda por milho nos Estados Unidos irá diminuir os excedentes exportáveis e desestimular a produção de suínos e aves em países deficitários em milho e, como o País é o maior produtor e supridor de milho no mundo, os impactos serão globalizados.

O resultado dependerá da capacidade das cadeias produtivas desses animais de absorver os impactos do acréscimo de custo que todos os países competidores deverão sofrer, talvez de forma mais intensa que o Brasil. O novo cenário, portanto, apesar da dificuldade de medir o nível de ajuste final de preços e das demais variáveis importantes do sistema produtivo, será positivo para produção brasileira de suínos e aves. ■